

BEUTTENMULLER, Alberto. Marco Histórico. // JORNAL DO BRASIL // [Rio de Janeiro], 12 dez 1981. Caderno B. p. 12.
Sobre o lançamento do décimo volume da História da Civilização Brasileira e homenagem prestada a SBH, pioneiro e autor até o 7º volume.

SBH/R
81/12/12
Jornal do Brasil

SBH
Pt 465 R14

MARCO HISTÓRICO

A Difel lança o décimo volume da História da Civilização Brasileira e homenageia o pioneiro da coleção, Sérgio Buarque de Hollanda

Alberto Beuttenmuller

SÃO PAULO — No início da próxima semana, em meio a uma festa informal em que homenageará o historiador Sérgio Buarque de Holanda, a Editora Difel lançará o décimo — e penúltimo — volume de uma obra que, sem dúvida, é um marco na historiografia brasileira dos últimos 20 anos: a *História Geral da Civilização Brasileira*.

Autor de *Raízes do Brasil* e *Visão do Paraíso*, Sérgio Buarque de Holanda foi o pioneiro da coleção e o seu coordenador até o sétimo volume. A partir de então, o projeto, monumental para as dimensões do mercado editorial brasileiro, passou à responsabilidade de Boris Fausto, ex-aluno de Sérgio Buarque, livre-docente da Universidade de São Paulo e do Center Anthony's, de Oxford.

— Nenhuma homenagem poderia ser mais justa do que esta que a Difel vai prestar ao professor Buarque de Holanda — diz Boris Fausto. — Pois, quando há 20 anos assumiu a responsabilidade pelo projeto, não havia no Brasil historiadores especializados nas diversas áreas que a *História Geral da Civilização Brasileira* devia cobrir. Ele próprio teve de escrever muitos capítulos acerca de diferentes assuntos, tarefa da qual só pôde se sair bem graças à sua cultura humanística. A situação hoje é diferente. No caso deste décimo volume, ao contrário do que ocorria anteriormente, posso me dar ao luxo de ser única e exclusivamente coordenador. Os progressos da historiografia brasileira permitem que se publiquem agora, de forma normal, profissional, obras de tal porte.

Ao longo dos 19 anos decorridos desde a publicação do volume inicial, a *História Geral da Civilização Brasileira* sempre vendeu bem, embora devagar. Nos últimos tempos, porém — em consonância, aliás, com uma tendência do mercado em relação aos bons livros sobre o assunto — o livro começou a ser procurado com mais interesse pelo público, o que levou a Difel a reeditar alguns volumes. O professor Boris Fausto acredita que essa

procura será muito maior depois de terminada a coleção, pois assim ela poderá ser vendida como uma unidade.

Nos volumes 8 e 9, Boris Fausto, além de coordenador, foi autor de três capítulos, um sobre Café e Política Cafeeira, outro sobre a Crise dos Anos 20 e o terceiro acerca da Revolução de 1930. Neste décimo volume, o número relativamente menor de autores é explicado pelo organizador da obra como resultado do afrouxamento que se vem registrando na tendência anterior à extrema departamentalização do saber histórico.

— A tendência, agora — diz Boris Fausto — é para a interpenetração, para a “contaminação” dos assuntos afins. Assim, um pesquisador de história social está, hoje, em campo muito próximo ao da antropologia, o que se dá, por exemplo, quando se põe a estudar a história e a estrutura da família. Mas ele pode ainda tangenciar, e até penetrar, o campo da psicologia, do comportamento humano, se estiver, por exemplo, pesquisando a história dos partidos políticos, que aliás podem ser abordados de diversos ângulos. Certos assuntos tendem a levar naturalmente a uma convergência da história e da sociologia.

Tal reunião de interesses, segundo o professor Boris Fausto, acentua-se em campos como o abrangido por este décimo volume da série, pois no Brasil ainda são poucos os historiadores especializados em temas recentes, posteriores à I República, ao contrário do que acontece entre os cientistas sociais e os cientistas políticos.

— Em certa medida, só como uma reação à presença numerosa dos *brazilianists* na área dos temas recentes de nossa história foi que apareceram especialistas brasileiros nesse campo. Antes disso, quase que só se escreviam estudos sobre o Brasil Colônia e o Brasil Império. A República, a primeira, era uma espécie de limite.

O décimo volume da *História Geral da Civilização Brasileira* divide o seu interesse entre dois temas centrais: a sociedade e a política, da revolução de 1930 ao movimento de 1964. De um modo geral, ele empreende uma análise do pro-

cesso político como um todo, e de algumas instituições em particular, como as forças armadas; neste caso, enfoca principalmente o período imediatamente posterior a 1930 (quando ainda era muito forte a influência do tenentismo), ao qual se pode chamar de pré-industrialização.

— Havia duas opções para a elaboração deste décimo volume — diz o organizador. — Ou cobrir o máximo de temas e ter apenas um retrato factual do Brasil pós-30, ou procurar uma explicação para os acontecimentos do período, de preferência reunindo opiniões discordantes e dando assim ao leitor a possibilidade de fazer as suas próprias escolhas, a sua própria reflexão. Preferi a segunda hipótese.

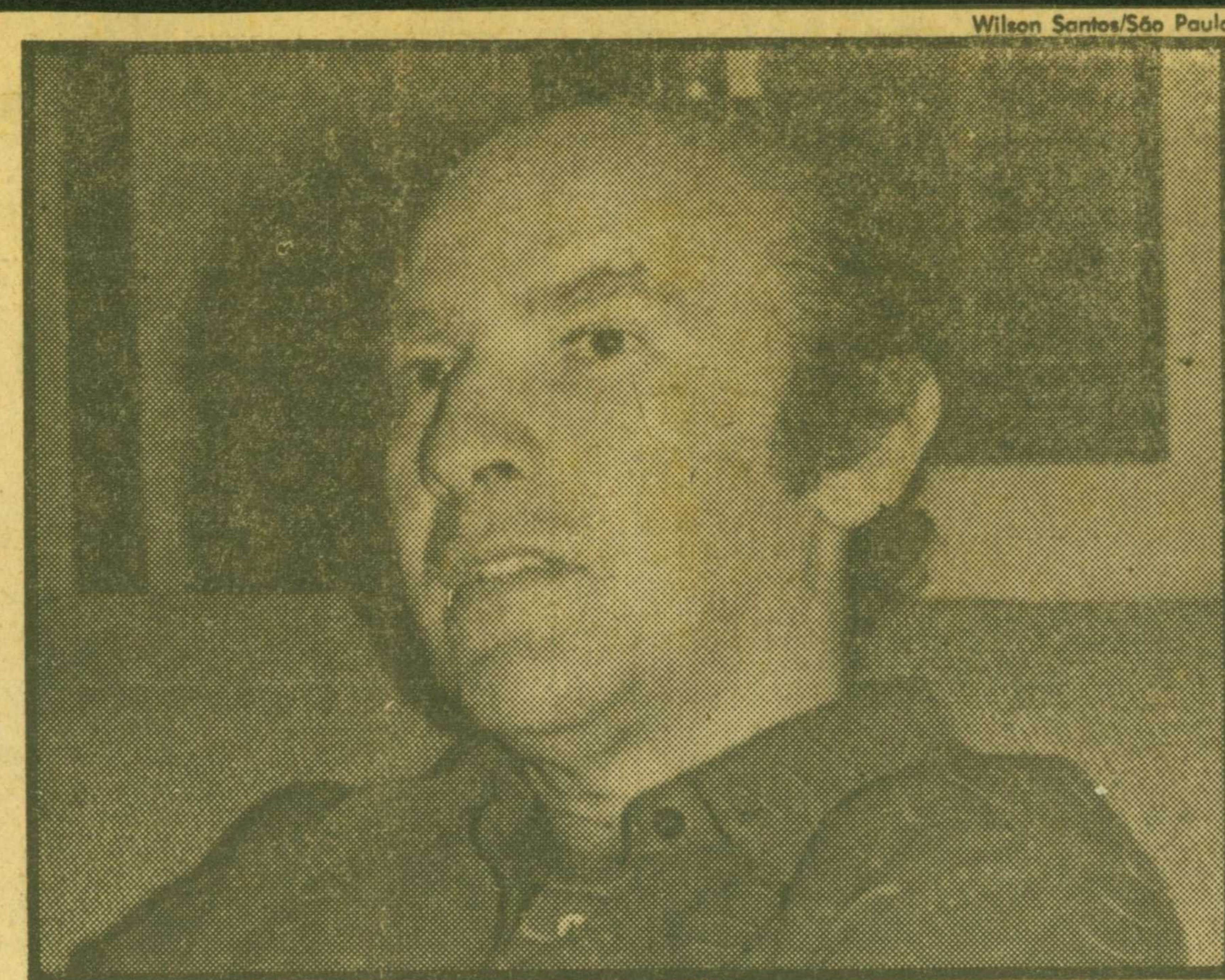
Com cerca de 500 páginas, o décimo volume terá apenas uma dezena de autores. Algumas ausências, que poderão ser notadas, devem-se exclusivamente a problemas pessoais dos autores convidados no período de elaboração da obra. Leônicio Martins Rodrigues, da USP, assina um capítulo sobre Classe Operária e Sindicalismo. Décio Sales, da Unicamp, escreve sobre Classe Média. Vêm a seguir dois trabalhos sobre

Partidos políticos, mas com enfoques diferentes. Um é de Leônicio Martins Rodrigues, tratando do PCB; outro, de Sérgio Miceli, professor da FGV, analisando o PSD e a UDN de 1945 a 1964.

Na parte destinada à análise do processo político, a professora Angela Maria Gomes Castro, do Cepdoc, aborda o período que vai da instauração do Governo Provisório, em 1930, às vésperas do Estado Novo. Ely Diniz, do Iuperj, focaliza o peso dos interesses regionais sobre a Assembleia Constituinte de 1934 e os esforços de Vargas para reduzir a força dessas pressões.

Antônio Mendes de Almeida, professor da FGV, estuda o período seguinte, 1945/1954, enquanto Ricardo Maranhão, da Unicamp, reflete sobre o período seguinte, 1955/1964, dando ênfase aos episódios relacionados com o suicídio de Vargas. As instituições, especialmente as Forças Armadas, são objeto de estudo de Italo Tronca, da Unicamp; e a questão da reforma agrária, das formulações tenentistas aos programas das ligas camponesas, é revista por Aspásia Camargo, do Cepdoc.

Sérgio Buarque de Hollanda: pioneiro e autor até o sétimo volume



Boris Fausto: o luxo de ser apenas coordenador



Arquivo